

República

Fundador
Dr. Antonio Jose de Almeida

Director e proprietario: Ribeiro de Carvalho

O jornal da tarde de maior circulação em todo o País

Chefe de redacção: JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS
Secretário: CARVALHÃO DUARTE; Editor: JAIME GRAÇA

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.º — LISBOA — TELEFONE: 2 8136

O proletariado de todo o mundo comemora na segunda-feira a data universal do 1.º de Maio.

Como amanhã é domingo e na segunda-feira não se publicam jornais, República não quer deixar de assinalar esta data, histórica para os trabalhadores, prestando-lhes a sua homenagem.

Alguns governos capitalistas da Europa pretendem associar-se ao que chamam a festa dos trabalhadores.

Hitler, na Alemanha, promove cortejos militares e religiosos em honra do proletariado alemão.

♦ ♦ ♦

O 1.º de Maio, temo-lo dito algumas vezes, não é uma data festiva, porque é uma data que relembra ao operariado organizado e consciente uma luta que durou anos e custou lágrimas, sangue, vidas. É a luta pró oito horas de trabalho, conquistadas ao cabo de mil sacrifícios e referendadas em 1921 na Conferência de Washington. Já então Portugal devia ao velho democrata Estêvão de Vasconcelos a lei das oito horas de trabalho.

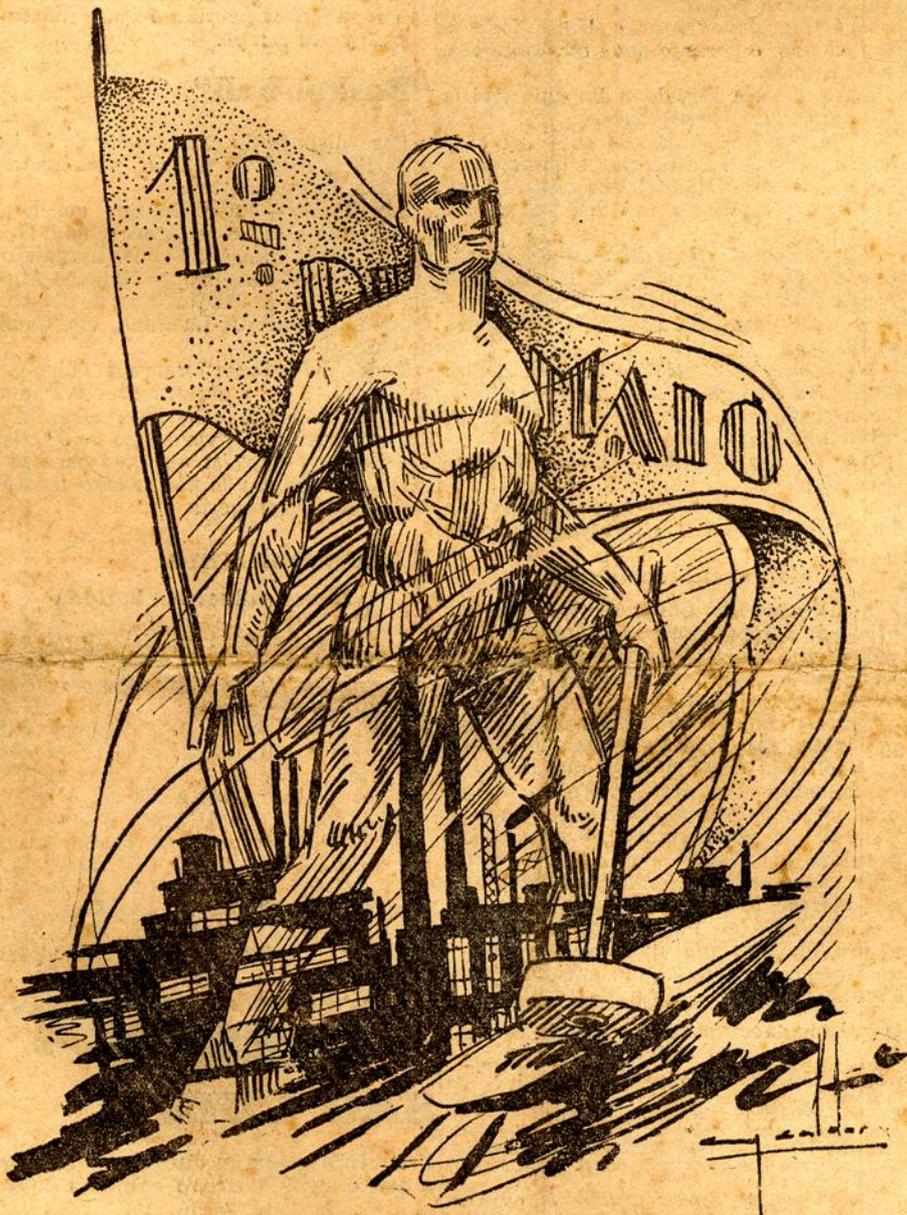
A luta por esta conquista é velha. Em 1 de Maio de 1886, faz na segunda-feira 47 anos, a polícia de Chicago caiu sobre os operários daquela cidade, que se tinham lançado num movimento para a conquista das oito horas. Dessa carnificina resultaram muitas prisões, muitos feridos e sete mortos.

Um dos presos, para se libertar do poder dos esbirros ao serviço da plutocracia americana, suicidou-se na prisão, metendo um cartucho de dinamite na boca!

♦ ♦ ♦

É esta data, que não é festiva, mas trágica e bela na sua grandeza heroica, que os trabalhadores de todo o mundo hoje comemoram e Hitler festeja com cânticos religiosos e marchas militares.

O 1.º de Maio não é, pois, uma festa. É um protesto consciente e digno.



“O operariado ante os problemas da hora presente” Na “República”

Francisco de Barros Valla

É na próxima segunda-feira que o nosso camarada sr. Bourbon e Meneses realiza na Covilhã a sua anunciada conferência sobre O operariado ante os problemas da hora presente.

Por motivo de ter de se deslocar àquela cidade, Bourbon e Meneses não pode efectuar na Associação Fraternal dos Operários Alfaiates uma conferência, para que tinha sido convidado por este sindicato operário.

CRUZ CALDAS

O nosso prezado amigo e distinto artista portuense sr. Cruz Caldas quis distinguir-nos com o magnífico desenho, alegórico do 1.º de Maio, que hoje publicamos na 1.ª página.

Ao apreciado desenhador e nosso dedicado correligionário, os nossos agradecimentos com um grande abraço.

Tivemos o prazer de cumprimentar, nesta redacção, o nosso bom amigo e dedicado republicano sr. Francisco de Barros Valla, de Atouguia de Baléia.

Com os nossos agradecimentos, pela gentiliza da visita, afirmamos-lhe, também, a nossa gratidão pela amizade com que nos honra, e admiração pela sua dedicação e pela sua fé republicana.

Manuel Dias Santos Oliveira

Tivemos o prazer de ver, na nossa redacção, o nosso amigo e dedicado republicano sr. Manuel Dias Santos Oliveira, de Sarzedo, Arganil, que para nós teve palavras de incitamento à obra que vimos desenvolvendo em prol da República.

Casamento e divórcio

Pedimos ao republicano de Leiria, que nos escreveu sobre este assunto, o favor de nos enviar registada a Revista Católica e todas as informações que possa prestar-nos.

Ditos... e Feitos

Como já informámos, o próximo número do Suplemento Internacional publica-se na quarta-feira, 3, em virtude de, depois de amanhã, 1.º de Maio, não se publicar a República.

Não é permitido mendigar

A polícia proibiu a mendicância nas ruas — e nós aplaudimos essa medida. A esmola é sempre humilhante e anti-social.

Tôdo o ser humano, que não pode trabalhar por doença ou por velhice, ou que quer trabalhar e não encontra aonde, tem direito a que a colectividade o ampare e lhe dê os meios de viver.

Trata-se de um direito. Não de uma esmola.

O operário que levou a vida inteira a trabalhar, fazendo a riqueza dos outros e a riqueza da Nação, não pode acabar a vida a pedir esmola, atirado à margem como um farrapo inútil.

Esse homem, quando já não pode trabalhar, tem direito a que a colectividade lhe garanta pelo menos a casa e o pão. Que a colectividade lhe garanta, enfim, a vida — sem que isso represente uma esmola.

Somos, portanto, contra a mendicância. Mas há uma espécie de mendicância pior e mais incômoda: é aquela que exercem as portas das igrejas sacristães de tôdas as espécies e formatos.

Saquitel na mão, a pedir-lhe donativos para este ou para aquele santo — como se os santos precisassem de comer — seringam e maçam quantas pessoas passam pelas igrejas.

Uma cega réga insuportável. Os que não pedem esmola para qualquer santo querem impingir-nos, à viva força, santinhos e escapulários, vendo-se os transeuntes aflitos para se livrar deles.

Ora, isto não está certo. Não pedimos à polícia que mande estes sacristães para a Mitra. Mas que os faça recolher, ao menos, ao interior das igrejas.

Que seringuem quem lá entra a rezar, mas que deixem em paz quem não tem tempo para os ouvir nem obrigação de os aturar.

O que nos parece justo.

Sempre é bom saber...

Dissemos há pouco quantas espécies de seres animais há sobre a face da terra. Cremos que o número, se bem nos recorda, ascende a quatrocentas mil espécies.

Pois, agora, vemos num jornal estrangeiro um artigo referente às espécies vegetais que povoam o globo, pois, ao que parece, já hoje pode fazer-se um inventário completo.

O grande naturalista Lineu, em 1750, enumerava seis mil espécies vegetais. Era a infância desta ciência.

Em 1807, Persoon já apontava vinte e seis mil.

Dezasete anos mais tarde, Steindell contava cinqüenta mil e depois em 1844 noventa e cinco mil.

Os botânicos do nosso tempo, em geral, são menos limitativos e mais prudentes.

Segundo eles, crescem à superfície da terra entre quatrocentas mil e quinhentas mil espécies vegetais.

Já é alguma coisa.

O avião mais rápido que o telégrafo

Realizou-se um concurso de aviação entre Paris e Nice, na Côte d'Azur, tendo o aviador Détroyat realizado o percurso em três horas e três minutos — quando o comboio mais rápido entre as duas cidades gasta pelo menos dezasseis horas.

É já, o ano passado, o aviador Doret fez esse mesmo percurso em duas horas e vinte minutos.

Agora, deu-se um caso curioso. O telegrama a anunciar a partida de Paris, logo que o avião levantou vôo, chegou a Nice vinte minutos mais tarde que o avião.

O progresso sempre em marcha...